

# CIBERATIVISMO: A NOVA FERRAMENTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Eliani de Fátima Covem Queiroz<sup>1</sup>

## RESUMO

um novo elemento marca as ações dos movimentos sociais na contemporaneidade: o uso da Internet e das redes sociais para a convocação de ativistas, divulgação de manifestações e acompanhamento em tempo real do que acontece nas ruas. Essa nova estratégia de ação é denominada de ciberativismo, levando ao empoderamento de grupos de ativistas ao ampliar o alcance das reivindicações assumidas como direitos coletivos

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimentos Sociais Ativistas. Ciberativismo. Comunicação Internet.

*CIBERATIVISM: THE NEW TOOL OF SOCIAL MOVEMENTS*

## Abstract

*a new element marks the actions of social movements in contemporary times: the use of the Internet and social networks for the convening of activists, dissemination of demonstrations and real-time monitoring of what happens on the streets. This new strategy of action is called cyber-activism, leading to the empowerment of groups of activists by broadening the scope of claims assumed as collective rights.*

**Keywords:** Social Movements Activists. Cyber-activism. Communication Internet.

## Introdução

Com o advento da Internet, a proliferação do número de sites, blogs e redes sociais proporcionou às pessoas, sobretudo aos jovens, uma multiplicidade de canais comunicativos de interação e de divulgação de enunciados, seja de caráter político, intelectual, ambientalista ou econômico. O ciberespaço<sup>1</sup> passou a ser ocupado por sujeitos heterogêneos e múltiplos, dissonantes e multifacetados, portadores de mecanismos de mobilização também múltiplos (GAJANIGO; SOUZA, 2014).

De acordo com Alcântara (2013), o ciberativismo possui diversas noções, conceitos e variáveis afins tratados como sinônimos, como ativismo midiático, ativismo digital, novo ativismo, novíssimos movimentos sociais, click-ativismo, *hacktivism*, *smart mobs*, ativismo eletrônico, desobediência civil eletrônica, ciberguerra, *netwar*, guerrilha de comunicação, dentre outros. Esses são alguns dos termos usados para referir-se a um tipo de ativismo supostamente novo. Isso porque sua primeira grande expressão se deu com a revolta Zapatista, em 1994, no México<sup>2</sup>.

No entanto, o ciberativismo ganhou força a partir da onda de protestos ocorrida na denominada Primavera Árabe, que começou no final de 2010, com características transnacionais e que passou pelo Norte da África e o Oriente Médio. As revoltas

e protestos começaram com o suicídio de Mohammed Bouazizi por causa do confisco, pelo governo da Tunísia, de seu único meio de sobrevivência, uma barraca de legumes.

A partir daí revoluções marcaram os protestos na própria Tunísia e no Egito. A Líbia e a Síria viveram uma guerra civil. Grandes protestos ocorreram na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iêmen. Manifestações de menor porte aconteceram no Kuwait, Líbano, Maurítânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. Os ativistas usavam técnicas de resistência civil combinadas com greves, manifestações e passeatas, com amplo uso das redes sociais para difusão das ideias revolucionárias (ROSINY, 2012). No Brasil os ativistas ganharam às ruas em 2013, nas chamadas Jornadas de Junho, protestando inicialmente contra o aumento da tarifa do transporte coletivo, movimento que ganhou outras pautas e demandas.

O elemento novo em todos esses conflitos e protestos foi o uso das redes sociais para recrutar novos ativistas, marcar manifestações e transmitir, em tempo real, o que acontecia nas ruas, configurando o espectro do ciberativismo.

## A Internet e o espaço virtual

Antes de analisar o surgimento e disseminação mundial do ciberativismo, julga-se necessário fazer uma reflexão sobre a popularização da Internet. Para Lévy (1999),

a revolução tecnológica possibilitou o surgimento de um ambiente cultural singular e universal com técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que inclui o conhecimento, as crenças, a ética, os costumes, os saberes cotidianos e os hábitos construídos nas relações entre pessoas, grupos, instituições ou organizações sociais informais com o aparato técnico da infraestrutura material da comunicação digital.

A telefonia também contribuiu para dar maior velocidade às possibilidades comunicacionais, com a criação do telefone celular em 1973, por Martin Cooper, nos Estados Unidos (RENATO, 2012). Era o prenúncio do horizonte contemporâneo da multimídia. Em 1996 a Finlândia desenvolveu o primeiro celular com acesso à Internet (KLEINA, 2015).

Segundo Castells (1999), é importante refletir sobre a evolução da comunicação ao longo dos anos como processo de compreensão de como a sociedade se organiza no mundo contemporâneo. A cultura digital amplia-se sob o signo da interconexão entre dispositivos computacionais, de inter-relação dos seres humanos em escala interplanetária, de relacionamento cotidiano com máquinas inteligentes e da obsessão pela interatividade (COSTA, 2003).

Dessa forma, no entender de Pinho (2003), a Internet é uma ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais, que são a televisão, rádio, cinema, jornal e revista. Cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial dessas mídias – ou seja, a não linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo –, necessita ser mais bem conhecido e corretamente considerado para o uso adequado da Internet como instrumento de informação.

O processo de globalização foi alavançado e sua existência foi concretizada graças ao desenvolvimento muito rápido dos meios de comunicação e, sobretudo, com o advento da Internet, segundo Vieira (2008). Isso porque, ao possibilitarem a transmissão de informações e imagens para qualquer parte do planeta, em tempo real, essas tecnologias e seu crescente poder de alcance mudaram a natureza das relações sociais e dos fatos históricos na forma como são vividos e organizados pelos indivíduos.

Na década de 1990 criou-se também o que Schiller (2002) denominou de capital digital, ou seja, com a Internet e a ampliação do sistema de comunicação, as redes de computadores, a economia capitalista alargou de maneira surpreendente o domínio sobre a sociedade e a cultura. O capital digital envolveu transformações radicais tanto na sociedade como nas inovações tecnológicas, sujeitas aos ditames da política neoliberal e da economia de mercado em processo cada vez mais veloz de transnacionalização.

O capital digital atinge ainda a vida cotidiana dos trabalhadores. A Internet e a informatização das tarefas profissionais se constituíram em uma unidade temporal do tipo 24 horas por dia, 7 dias por semana (24x7), que quebram as fronteiras tradicionais de tempo e espaço. Isso porque, de acordo com Wajcman (2015), na atualidade o trabalhador faz tarefas do trabalho em casa e resolve pendências domésticas no trabalho. Há uma fusão muito maior dessas

coisas, que está mudando o cotidiano das pessoas. Daí surge o perigo de que o trabalho domine grande parte da vida da pessoa, isso porque ela pode responder e-mails e fazer outras tarefas *online* à noite e durante fins de semana, levando-as a alimentarem maiores expectativas em relação ao trabalho e a perderem muitas horas livres em tarefas profissionais.

Portanto, ao falar da Internet, aborda-se algo substancialmente distinto de todas as inovações tecnológicas anteriores no campo da informação e da comunicação, devido ao seu caráter híbrido. Não se trata de uma nova tecnologia ou de uma nova indústria concorrente com as anteriores, mas do resultado do desenvolvimento das novas tecnologias e da sua interpenetração e expansão global (BOLAÑO *et al*, 2011).

### A evolução das redes sociais na Internet

Os primeiros sites de redes sociais apareceram no final da década de 1990, época em que o uso da Internet estava mais popularizado em diversos países. Para Boyd e Elison (2007) um site de redes sociais possui três características elementares: primeiro, a construção de um perfil público ou semi-público inserido num sistema fechado; segundo, articulação desse perfil público com uma lista de perfis de outros usuários com os quais compartilham conexões; terceiro, acesso e exploração dessas listas de conexões e as de outros indivíduos inseridos no mesmo sistema (BOYD; ELISON, 2007).

O primeiro site de redes sociais foi a *SixDegrees*, lançado em 1997. Além de ter os próprios perfis, os usuários podiam criar uma lista de amigos e, a partir de 1998, puderam navegar por essas listas. O site atraiu mais de um milhão de usuários, no entanto, parou de funcionar em 2000. Outras plataformas semelhantes foram criadas, algumas segmentando o público, como *Live Journal*, *Asianevenue*, *Blackplanet*, *Migente*, *Fotolog*, *LunarStorm*, *Orkut*, *My Space*, *Cyworld* e *Ryze* (BOLAÑO; VIEIRA, 2012).

Na década de 2000, surgiram duas redes sociais que reuniram o maior número de usuários no mundo até a atualidade: o *Twitter*<sup>3</sup> e o *Facebook*<sup>4</sup>. O Facebook foi criado em 2004 e possui 1,59 bilhão de usuários no mundo todo (dados de 2015)<sup>5</sup>. Criado em 2006, o Twitter possui 320 milhões de usuários em todo o mundo (dados de 2016). Existem outras redes sociais criadas em vários países na atualidade, porém esses dois sites são os mais usados em todo o mundo.

Analisando esse contexto, Sakamoto (2013) afirma que essas tecnologias de comunicação – sobretudo as redes sociais da Internet –, não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua por meio de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social.

Assim, essa revolução digital se deu com a passagem dos *mass media* (TV, rádio, imprensa e cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação, no interior da Internet. Nesse novo espaço, a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). Bentes (2013, p. 9) vai mais longe e afirma que, no uso desses novos espaços, as pessoas também estão “hackeando” os sistemas de monetização da vida e se apro-

priando de suas ferramentas e tecnologias para produzir resistência, turbulências, desvios, invenções”. Essas ações são algumas das bases do ciberativismo.

### Os ativistas e o ciberativismo

Milhomens (2009) define ciberativismo como o uso de tecnologias digitais ou de informação e comunicação para a mobilização e enfrentamento político, social e/ou cultural. De acordo com o autor, o ciberativismo surgiu com a popularização da Internet no começo da década de 1990. A rapidez, articulação e velocidade que as informações levam para chegar a várias partes do mundo despertaram a atenção e interesse de diversos setores da sociedade, incluindo aí os ativistas de inúmeras causas. Estes mesmos setores começaram a fazer uso dessa nova tecnologia comunicacional e, então, criaram o termo ciberativismo, ou seja, o ativismo exercido por meio das tecnologias digitais e da Internet, presentes no mundo ciberespacial.

Vegh (2003) conceitua ciberativismo como a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados. Para o autor o ativismo digital possui três categorias de atuação: a primeira está relacionada com a conscientização e promoção de uma causa, com a difusão de informações e eventos quebrando o bloqueio dos meios de comunicação tradicionais hegemônicos, agindo como meio alternativo de informação; a segunda envolve a organização e mobilização a partir do uso da Internet, tendo em vista uma determinada ação; e a terceira é a da ação e reação, com o chamado hacktivism ou ativismo *hacker*, que engloba vários tipos de ações, como apoio *on-line*, invasão ou congestionamento de sites. Outras ações seriam as petições *online*, a organização de manifestações, criação de sites de denúncia e outras ferramentas com função política e social.

Um dos grandes problemas nos estudos sobre o ciberativismo, de acordo com Alcântara (2013), é sua abordagem como algo novo, separando-o do próprio desenvolvimento da Internet e das transformações dos mecanismos de protestos. No entanto, existem algumas iniciativas na tentativa de tratar o ciberativismo como herdeiro de um processo de luta social, cultural e política que é anterior à Internet, mas também diretamente relacionado ao seu próprio desenvolvimento.

Contrao o argumento de Alcântara, Moraes (2001, p. 2) afirma que a organização em redes, dentro e fora da Internet, se revela inovadora, porque ela facilita a intercomunicação de pessoas e agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. “Servem de estuários para a defesa de identidades culturais, a promoção de valores éticos e a democratização da esfera pública”. É, ainda, uma arena complementar de mobilização e politização, junto com as assembleias, passeatas, atos públicos e distribuição de panfletos.

Ao observar a história do ciberativismo, para Alcântara (2013) é possível identificar três dimensões pontuais: novas mídias, dinâmicas de organização e repertórios de ação coletiva. Estas dimensões foram mudando ao longo do tempo, mas também estavam presentes em outros momentos das lutas dos movimentos sociais.

Os movimentos sociais que utilizam a Internet como principal meio de articulação possuem três características, segundo Castells (2003): primeira, são movimentos culturais que utilizam os meios de comunicação para trabalhar os princípios e valores do modo de vida que defendem. Segunda,

esses movimentos sociais necessitam tornar-se uma alternativa em relação à crise das organizações políticas verticais e engessadas da era industrial. Terceira, a Internet cria a possibilidade de globalização dos movimentos sociais, de transformar uma causa local em global, sobretudo no combate ao poder e à mídia tradicional.

Dessa forma, os ativistas dos movimentos sociais e as pessoas que participaram das manifestações de protesto em todo o mundo viram na Internet – mais especificamente nos blogs e redes sociais –, uma oportunidade de ampliar o poder de comunicação e defesa da causa em foco. O meio digital tornou-se, então, o canal de comunicação mais usado pelos ativistas.

Essa comunicação de massa baseia-se em redes horizontais de comunicação interativa que, usualmente, são difíceis de controlar por parte de governos ou empresas. A comunicação digital é multimodal, ou seja, permite a referência constante a um hipertexto global de informações cujos componentes podem ser remixados pela pessoa que comunica segundo projetos de comunicação específicos. Portanto, a auto comunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja esse ator individual ou coletivo (CASTELLS, 2013).

Nesse sentido, nas jornadas de junho de 2013 no Brasil, houve uma procura em massa de informações na Internet, mais especificamente nas redes sociais, lugar onde os próprios manifestantes publicavam textos, fotos e vídeos sobre os protestos, trazendo uma versão diferente daquela divulgada pelas mídias tradicionais, sobretudo jornais impressos e telejornais. Destacou-se a cobertura feita com uso de telefone celular pelos ativistas da Mídia Ninja<sup>7</sup> e do PosTV<sup>8</sup>.

Os protestos no país tiveram apoio também de brasileiros que vivem no exterior, que realizaram manifestações de solidariedade nas ruas e em frente às embaixadas brasileiras em Nova York, Londres, Toronto, Buenos Aires, Lisboa, Tóquio, Paris, Berlim, Dublin, Barcelona e em outras 30 cidades em vários países (FERNANDES; ROSENO, 2013). Muitos desses brasileiros ficaram sabendo das manifestações em sua *timeline*<sup>9</sup>, na rede social *Facebook*.

De acordo com Campi (2013), em 2013, mais de 2 milhões de menções foram feitas nas redes sociais *Twitter*, *Facebook*, *YouTube* e *Google*, e que mais de 132 milhões de pessoas foram impactadas por estas postagens, criadas por 941.295 usuários únicos. Somente no dia 17 de junho de 2013, meio milhão de mensagens foram publicadas nas redes sociais, superando em 8,5 vezes as postagens da semana anterior. Nesse dia, o *Twitter* e o *Facebook* foram as redes mais usadas pelos ativistas das 17 às 21 horas. No intervalo entre 17 e 18 horas, momento do início das manifestações, a média de menções dos protestos foi de 51,2 mil. Entre 20 e 21 horas o número quase duplicou, chegando a 87,8 mil.

Os movimentos tornaram-se virais, seguindo a lógica das redes da Internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito de demonstração dos movimentos, que brotam por toda parte. Essa forma de se espalhar ocorre de um país para outro, de uma cidade para outra, de uma instituição para outra. Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque

desencadeia a esperança da possibilidade de mudança (CASTELLS, 2013).

Esse novo tipo de comunicação passou a ser o combustível de grande parte desses movimentos. A Internet, principalmente os sites de redes sociais, tornaram-se canais de agendamento das manifestações, o que González-Bailón *et al* (2011) denominou de uma dinâmica de convocação de protesto por meio de uma rede *on-line*.

Para os autores, as redes são usadas para duas funções: a dinâmica de recrutamento e a dinâmica de difusão de informação. Apesar da importância do ativista ser influente no processo de difusão na rede, não existe uma posição topológica que caracteriza os primeiros participantes que desencadeiam os convites. Dessa forma, quaisquer que sejam os fatores exógenos que motivam os participantes iniciais para começarem a enviar mensagens, “a consequência é que eles criam uma semente aleatória na rede *on-line*: esses ativistas estimulam focos de atividade no início que são topologicamente heterogêneos e que se espalham por meio de outros indivíduos de baixo limiar que aderem à causa” (GONZÁLEZ-BAILÓN *et al*, 2011, p. 8).

Na visão de Braga (2006), a apropriação das redes sociais pelos diversos sujeitos, utilizando processos tecnológicos e operacionais de interação, disponibilizados por meio da mediação crescente da sociedade, abre possibilidades sociais. Os modos pelos quais a sociedade (por seus diferentes setores, segundo seus variados objetivos) realiza, escolhe e direciona aquelas possibilidades, é que compõem a processualidade interacional/social que vai caracterizar a circulação comunicacional – logo, a construção de vínculos, de modos de ser constitutivos da realidade.

Nesse sentido, Castells (2013) alerta que os movimentos sociais não surgem apenas da pobreza ou do desespero político, mas exigem uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça provoca, assim como pela esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do mundo. Cada uma delas inspirando a seguinte por meio de imagens e mensagens em rede pela Internet. Além disso, a despeito das profundas diferenças entre os contextos em que esses movimentos nasceram, há certas características que constituem um padrão comum: o modelo dos movimentos sociais na era da Internet.

Para o autor, embora os movimentos tenham em geral uma base no espaço urbano, marcado pelas ocupações e manifestações de rua, a existência contínua desses movimentos tem lugar no espaço livre da Internet. Esses movimentos, por ser uma rede de redes, podem dar-se ao luxo de não ter um centro identificável, mas ainda assim garantir as funções de coordenação, e também de deliberação, pelo inter-relacionamento de múltiplos núcleos. Dessa forma, não necessitam de uma liderança formal, de um centro de comando ou de controle, nem de uma organização vertical, para passar informações ou instruções.

### Considerações finais

O ciberativismo surgiu da apropriação das redes sociais da internet pelos ativistas que defendem causas humanitárias, políticas, culturais e econômicas. Alguns desses processos começam tendo como foco determinada comunidade ou cidade, mas cujas ramificações e interesses ultrapassam fronteiras espaciais e ganham o mundo na defesa de direitos coletivos.

A ação desses ativistas ocorre em um mundo híbrido, que congrega estratégias organizadas e deflagradas tanto no mundo real como no espaço virtual. A luta se dá no espaço público, muitas vezes em confronto com o poder estatal, político e financeiro, luta que depende não somente da troca de mensagens nas redes sociais, mas da construção de projetos que delineiem reivindicações e desejos de mudanças reais na sociedade. As propostas precisam ser delineadas de forma concreta, para não ficar apenas nas palavras de ordem das manifestações de rua, que podem ser esquecidas na esteira do tempo.

### 1. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (2017). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC) (2008). Integra a diretoria colegiada do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Movimentos Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. É professora assistente do Curso de Jornalismo da PUC Goiás.

### NOTAS

- 1 O termo ciberespaço foi criado em 1984 por William Gibson, um escritor norte-americano que usou o termo em seu livro de ficção científica *Neuromancer*. Lévy define o ciberespaço como “[...] o novo meio de comunicação que surgiu da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17).
- 2 O levantamento zapatista de 1994 ocorreu quando o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), sob a liderança do Subcomandante Marcos, conclamou os indígenas do Estado de Chiapas, no México, a lutar por mais autonomia local, ao mesmo tempo em que denunciava a globalização neoliberal.
- 3 O Twitter é um microblogging com um campo para mensagem de 140 caracteres, foi fundado em 2006 por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams (RECUERO, 2009). Segundo o site [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com), em fevereiro de 2016 o Twitter contava com 320 milhões de usuários no mundo (EFE, 2016).
- 4 A rede social Facebook foi criada em 2004 por Mark Zuckerberg como uma rede de contatos para estudantes. No mesmo ano foi aberto para qualquer usuário em todo o mundo (RECUERO, 2009). De acordo a Agência France Press, em dezembro de 2015 o Facebook contava com 1,59 bilhão de usuários no mundo (FRANCE PRESS, 2015).
- 5 Dados da France Press (2015).
- 6 A palavra “hack” surgiu com o grupo chamado Tech Model Rail Road Club (TMRC), do Massachusetts Institute of Technology (MIT) na década de 1950. Os integrantes do clube chamavam as modificações inteligentes que faziam nos relés eletrônicos de ‘hacks’. Quando as máquinas TX-0 e PDP-1 chegaram ao mercado, integrantes do grupo começaram a usar o mesmo jargão para descrever o que estavam fazendo com a programação de computadores. A mídia, de um modo geral tornou o termo sinônimo de criminoso. Ser Hacker define um alto grau de conhecimento em determinada área, onde ela consegue realizar ações que outros

não conseguiriam. Existem Hackers que usam esse conhecimento profissionalmente e outros que usam esse conhecimento para prejudicar pessoas e instituições ou para ganhos ilícitos (PEDROSO, 2013).

- 7 Texto de capa no perfil do Ninja no Facebook: “Coletivo de jornalismo Mídia Ninja - Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Mídia/Notícias/Publicação”. Perfil: <https://www.facebook.com/midiaNINJA>.
- 8 Texto de capa no perfil da PosTV no Facebook: “Canal de TV - A PosTV é a verdadeira TV aberta. Onde não existe censura, as pessoas falam livremente e não se depende de patrocínio, o patrocinador é o povo, as entidades e os movimentos sociais”. Perfil: <https://www.facebook.com/canalpostv>.
- 9 A Timeline (ou Linha do Tempo) é o novo perfil do Facebook, liberado para todos os usuários no dia 15 de dezembro de 2011. A Timeline traz a coleção de fotos, posts, novas amizades, novos aplicativos e qualquer outro tipo de atividade que o usuário realizar no Facebook (PORPHÍRIO, 2011).
- 10 O YouTube é um site que permite que os usuários cadastrados carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005 por Chad Hurley, Steven Chen e Jawed Karim. O site foi comprado pelo Google em 2006 por 1,65 bilhão de dólares (BURGESS; GREEN, 2009).
- 11 O Google é uma empresa multinacional americana de serviços online e software. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na Internet e muito do seu lucro é gerado pela publicidade do AdWords. A empresa foi fundada por Larry Page e Sergey Brin em 1998. (SIGNIFICADOS, 2016).

### REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Livia Moreira de. **Ciberativismo**: mapeando discussões. 37º Encontro Anual da ANPOCS, 2013. SPG01 Tecnologia, inovação e ciberativismo. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=8679&Itemid=429](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8679&Itemid=429)>. Acesso em: 19 fev. 2016.
- BENTES, Ivana. Prefácio “Nós somos a rede social”. In: MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A Internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulinas, 2013.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; VIEIRA, Eloy Santos. **Economia Política da Internet**: sites de redes sociais e luta de classes. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM, 2012. Disponível em: <>. Acesso em: 22 fev. 2016.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira et al. Economia Política da Internet. **Universidade Federal de Sergipe**. Aracaju: Ed. UFS. Vol. I. 2ª Edição. 2011.
- BOYD, Dana; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 11, 2007. Disponível em: <>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **A política da Internet I:** redes de computadores, sociedade civil e o Estado. In: *A galáxia da Internet*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede.** Era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital.** São Paulo: Publifolha, 2003.

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo de Freitas. **Protesta Brasil:** das redes sociais às manifestações de rua. São Paulo: Prata, 2013.

FRANCE PRESS. Facebook anuncia crescimento dos lucros e do número de usuários. **Portal G1 Globo.com**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/01/facebook-anuncia-crescimento-dos-lucros-e-do-numero-de-usuarios-20160127211006500148.html>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

GAJANIGO, Paulo Rodrigues; SOUZA, Rogério Ferreira. Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica. **Caderno CRH**, V. 27, n. 72, p. 577-592, Salvador, set./dez. 2014. Disponível em: < >. Acesso em: 20 nov. 2015.

GONZÁLEZ-BAILÓN, Sandra et al. The dynamics of protest recruitment through an online network. **Scientific Reports** 1, 2011; Article number 197. DOI: 10.1038/srep00197. Disponível em: <<http://www.nature.com/articles/srep00197>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

KLEINA, Rafael. **O primeiro celular do mundo com Internet**, 2015. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/celular/85491-primeiro-celular-mundo-internet-video.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAES, Denis. **O ativismo digital.** 2001. Disponível em: < >. Acesso em: 22 fev. 2016.

MILHOMENS, Lucas. **Entendendo o cibertivismo sem terra na nova esfera pública interconectada.** 2009, Dissertação (mestrado em Comunicação) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

NEGRI, Antonio; MICHAEL Hardt. **Multi-dão:** guerra e democracia na era do império. São Paulo: Record, 2005.

PEDROSO, Edson. **Termo Hacker, qual seu significado?** 2013. Disponível em: <

[https://www.oficinadanet.com.br/artigo/1476/termo\\_hacker\\_qual\\_seu\\_significado](https://www.oficinadanet.com.br/artigo/1476/termo_hacker_qual_seu_significado)>. Acesso em: 02 fev. 2016.

PINHO, J B. **Jornalismo na Internet:** Planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus, 2003.

PORPHÍRIO, Rebecca. **Como usar a Timeline do Facebook:** introdução, 2011. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2011/12/como-usar-timeline-do-facebook-introducao.html>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulinas, 2009.

RENATO, Flávio. **A história dos telefones celulares**, 2012. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/06/historia-dos-telefones-celulares.html>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

ROSINY, Stephan. *The Arab Spring: Triggers, Dynamics and Prospects.* Hamburgo: **Giga Focus International Edition**, 2012.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o

Twitter e o Facebook foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013, p. 95-100.

SCHILLER, Dan. **A globalização e as novas tecnologias.** Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 2002.

VEGH, Sandor. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice.** London: Routledge, 2003.

VIEIRA, Flávia Braga. **Dos proletários unidos à globalização da esperança:** um estudo sobre articulações internacionais de trabalhadores. 2008, 220 f. Tese (doutorado em Planejamento Urbano Regional) da Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=174206](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=174206)>. Acesso em: 04 mar. 2016.

WAJCMAN, Judy. A vida acelerada do capitalismo digital. A tecnologia dá ou tira tempo? **Folha de São Paulo**, edição do dia 20 de setembro de 2015. Entrevista concedida a Rodrigo Russo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683173-a-vida-acelerada-do-capitalismo-digital.shtml>>. Acesso em: 2 mar. 2016.